Celso Gutfreind

Dona Tempa

e a menina que não queria ir à escola

Ilustrações Martina Peluso

edelbra

edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

1ª edição, 1ª impressão

Coordenação editorial: Elaine Maritza da Silveira
Ilustrações: Martina Peluso
Projeto gráfico: Laura Guidali Amaral
Revisão: Renato Deitos

Música citada: *Alta noite*, de Arnaldo Antunes (©) by Universal Music Publishing Ltda / Rosa Celeste Empreendimentos Artísticos Ltda.

CIP–BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G993d

Gutfreind, Celso, 1963-
Dona Tempa e a menina que não queria ir à escola / Celso Gutfreind ; ilustração Martina Peluso. – Porto Alegre, RS : EDELBRA, 2013.
32 p. : il. ; 28 cm.

ISBN 978–85–66470–22–2

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Peluso, Martina. II. Título.

13–03572 CDD: 028.5
CDU: 087.5

2013
Edelbra
www.edelbra.com.br
Central de Atendimento:
51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

Celso Gutfreind

Dona Tempa

e a menina que não queria ir à escola

Ilustrações Martina Peluso

edelbra

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

Era uma vez uma menina que não ia à escola.

Não ia porque não queria.

A situação estava grave, porque não era como nas outras histórias, assim de ser era uma vez.

Era todas as vezes, e o mais verdadeiro é começar a história outra vez.

Então, era todas as vezes uma menina que não ia à escola.

Não ia porque não queria.

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

A escola era de manhã, e a coisa começava cedo:

– Menina, acorda – pedia a mãe.

– Não.

– Menina, acorda – ordenava o pai.

– Não, não.

– Menina, acorda – implorava a avó.

– Não, não, não.

A cada pedido, outro não.

E, quanto mais pediam, mais a menina negava.

Não adiantava dar uma batidinha nas costas dela, aumentar a voz no ouvido dela, jogar água fria no rosto ainda quentinho do cobertor. Isso eles só fizeram uma vez.

Sentir beliscãozinho nem pensar, que os pais nunca beliscavam.

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

Acordar não era o problema. Ela acordava, mesmo antes de o dia clarear. Gostava de ficar pensando, sonhando, contando carneirinhos na cama. Vibrava com a primeira buzina. O primeiro galo. A primeira porta batida. A descarga no banheiro. O problema nem era levantar. Era ir.

– Por que não vai, menina? – perguntava a mãe.

– Não quero.

– Mas tem que – ordenava o pai.

– Não tem que nada.

– Tem sim – dizia a avó.

– Não quero, não quero, não quero.

– Vai, querida – dizia a madrinha.

– Não vou, não vou, não vou, não vou.

E assim por diante, sem ir adiante.

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

O café ela tomava com leite e biscoitos e depois contava sempre a mesma história:

– Na escola tem um monstro ativo como um vulcão. Ele até se acalma, mas em casa tem outro mais ativo, que me prende. São mais fortes do que eu.

– Mostra os monstros, menina – pedia a mãe.

– Não mostro.

– Mostra os monstros – ordenava o pai.

– Não mostro, não mostro.

– Onde eles estão? – perguntava a avó.

– Não mostro, não mostro, não mostro.

– Tu sabes o que é ativo? – perguntava a madrinha.

– Sei, sei, sei, sei.

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

edelbra
RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

Ninguém sabia como fazer a menina ir à escola. A mãe tentou, o pai tentou. A avó e a madrinha também. Até uma vizinha que botava cartas, mas não teve jeito: desapareceu à tardinha com o baralho inteiro. A menina disse meio chorosa:

– O monstro de casa comeu a vizinha com todas as cartas. Ficou ainda mais ativo e embaralhado. O monstro da escola ficou rindo. Agora que não vou mesmo.

Não tinha santo que a fizesse ir. Mesmo assim, a mãe chamou Santo Antônio e São Benedito. Acendeu velas para eles. O primeiro chegou dizendo que monstros não eram a sua especialidade. Bem que se esforçou, mas não conseguiu. Quer dizer, conseguiu casar o porteiro com a faxineira.

A menina foi ao casamento, comeu, sorriu, brincou, dançou.

No dia seguinte, não foi à escola.

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

O segundo santo estava em missão na Sicília e nem apareceu. A menina perguntou:

– Cadê as velas? Os monstros comeram?

O pai achou a pergunta um sinal de burrice. E ameaçou com os asnos de outra história, a do Pinóquio:

– Se não vai à escola, a orelha cresce, não consegue perguntar mais nada e chega uma hora em que nem fala mais. Claro que aí ninguém responde.

E nada. As orelhas continuavam direitinho no lugar. Só não tinha diabo que a fizesse ir. A avó gritou:

– Que o diabo a carregue (para a escola)!

Mas o diabo não carregou. Saiu de mãos vazias, costas à espera de uma asa, leve e solto como um anjo.

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

CELSO GUTFREIND

Faz cinquenta anos que conheço Dona Tempa. E só agora escrevo sobre ela. Não sei por que levei tanto tempo. Na verdade, não sou muito de saber por que e nem de aguentar a verdade absoluta. Por isso, escrevo e, antes de Dona Tempa, escrevi 29 livros. Uns são de poesia, outros de ensaios, outros de literatura infantojuvenil. Nesse meio tempo, fiz medicina e me tornei psiquiatra de crianças e de adultos. Depois, psicanalista. E, para a minha grande alegria, tenho uma filha, a Mariana. Um dia, ela não quis ir à escola; no outro, ela quis. Entre os dois dias, escrevi Dona Tempa com pressa. Depois, não tive pressa para reescrever. Agora vocês podem ler, se quiserem. Devagar ou ligeiro, tanto faz: conheço bem Dona Tempa, e ela aceita ser lida dos dois jeitos. Ou de outro qualquer que inventarem. Ela adora que inventem verdades, e eu, também. Só não se inventou ainda um jeito de Dona Tempa não vir. Então a gente fica lendo e vivendo sempre com ela por perto.

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

MARTINA PELUSO

Nasci em 1980, em Nápoles, na Itália, onde vivo e trabalho. Estudei no Instituto de Arte de Nápoles e fiz cursos de ilustração em Sarmede e em Pavia. Em 2006, realizei minha primeira exposição individual: "Circus", em Madri. Em 2007, expus em Assis, no museu de São Damião: "O hino das criaturas". Além dessas individuais, participei de uma série de exposições coletivas, entre as quais: "As imagens da imaginação" em Sarmede; "As cores do sagrado", Museu Diocesano, em Pádua; "O jogo do se", exposição em homenagem a Gianni Rodari, no Palácio das Artes, Nápoles; e "Pedro e o Lobo", na Academia Internacional de Ilustração Pictor, em Torino. Desde 2006, venho ilustrando livros para editoras da Europa, da América Latina e dos Estados Unidos. Para conhecer mais sobre meu trabalho, acesse meu blog:

http://martinapelusoillustratrice.blogspot.it

edelbra

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

edelbra

www.edelbra.com.br

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

Era uma vez uma menina que não ia à escola.

Não ia porque não queria.

E não havia mãe, pai, avó, madrinha, vizinha, porteiro ou santo que a convencesse. Não havia argumento que a fizesse mudar de ideia. Mas havia música e poesia no caminho da menina. E uma cachorrinha chamada Lola.

Entre notas musicais e latidos afinados, a menina pôde entender. Agora ela sabia ir. E foi.

edelbra

ISBN: 978-85-66470-22-2